



RÁDIO DE CABO VERDE

LIVRO DE ESTILO





RÁDIO DE CABO VERDE LIVRO DE ESTILO

A	O JORNALISTA DE RÁDIO	PÁG. 2
B	O ESTILO DO JORNALISTA DE RÁDIO	PÁG. 5
C	A PALAVRA FALADA	PÁG. 8
D	NOTICIÁRIOS	PÁG. 10
E	A NOTÍCIA	PÁG. 12
F	OS SONS	PÁG. 14
G	OS DIRECTOS	PÁG. 17
H	OS CORRESPONDENTES	PÁG. 20
I	O DESPORTO	PÁG. 22
J	EQUIPAS	PÁG. 24
L	ORGANIZAÇÃO	PÁG. 26
M	ANIMAÇÃO	PÁG. 28
N	TÉCNICA	PÁG. 30



A

O JORNALISTA
DE RÁDIO

O JORNALISTA DE RÁDIO, NÃO SE LIMITA A CUMPRIR UMA FUNÇÃO. DESENVOLVE TAMBÉM UMA MISSÃO. A FUNÇÃO DO JORNALISTA É INFORMAR-SE. A SUA MISSÃO É INFORMAR. O JORNALISTA DE RÁDIO É UM COMUNICADOR, UM CONTADOR DE HISTÓRIAS.

a) O Jornalista deve sê-lo o tempo todo, ou nunca será um verdadeiro jornalista.

b) O Jornalista tem um horário a cumprir, mas o jornalista deve ser JORNALISTA VINTE E QUATRO HORAS POR DIA.

c) O Jornalista não pode ver na actividade que desenvolve apenas um EMPREGO.

d) Para o Jornalista, a NOTÍCIA deve ser um ALVO PERMANENTE. Se o jornalista sente curiosidade preferencial por certas áreas deve aprofundá-la, investindo em contactos de que possa com regularidade retirar mais informação.

Se o jornalista esteve envolvido em acções de que resultaram conhecimentos e contactos, deve manter abertos esses canais de comunicação no sentido de desenvolver "background" pessoal e garantir mais informações.

O jornalista está particularmente atento aos fenómenos que conduzam a uma eventual "secagem das fontes" prejudicial para ele próprio e consequentemente, para o colectivo.

e) O Jornalista deve ter uma boa agenda de telefones, actualizá-la constantemente. Se necessário e possível colocar os respectivos elementos ao serviço da Redacção.

f) O Jornalista deve procurar produzir informação própria e não se limitar a repor, "ipsis verbis" a informação de outrem.

g) O jornalista deve ler jornais, acompanhar regularmente os telejornais e outros programas informativos.

O Jornalista da rádio ouve as outras rádios e particularmente a sua. Ao manter-se informado, o jornalista procura aprofundar conhecimentos que já possui mesmo em áreas de mais difícil descodificação (por exemplo a economia e a ciência).

O Jornalista deve conhecer os temas que tenham a ver com a grande actualidade e tende para uma postura generalista, mola nuclear para a modernização no tratamento radiofónico da informação.

h) O jornalista está atento ao ritmo na apresentação da actualidade e compara sistematicamente o estilo da "casa" com outros estilos.

O Jornalista procura aplicar ao microfone uma postura comunicativa, sabendo que o "jornalismo radiofónico" não é uma mera questão de leitura.

i) O Jornalista critica os seus colegas com frontalidade, lealdade e sentido construtivo e deve contribuir para acrescentar valores e ideias na antena.

O jornalista participa activa e interessadamente nas "conferencias de redacção críticas" sabendo aí avaliar o trabalho colectivo com adequados argumentos profissionais, frontalidade, sentido construtivo e lealdade para com os colegas.

j) O jornalista deve assumir a ignorância pontual, procurando desfazer imediatamente as dúvidas.

Jornalista pergunta, consulta o dicionário, o prontuário, a enciclopédia, os especialistas etc.

k) O Jornalista de rádio deve esgotar todos os meios ao seu alcance para dar as suas "histórias" um valor acrescentado.

O lema do jornalista de rádio é: "papel editado, papel morto". Neste capítulo cabe pois o seguinte conceito: o jornalista de rádio procura incessantemente a variedade e o colorido na linguagem e explora ao máximo as inigualáveis potencialidades da língua.

l) Para o Jornalista de Rádio o telex da agência é apenas um ponto de partida. O mesmo se passa com os sons enviados por reporteres e correspondentes, desde que deixem caminho aberto para inevitáveis desenvolvimentos.

m) O Jornalista deve conhecer-se; situa com rigor as capacidades e os defeitos e sobretudo conhece os limites impostos pela sua cultura geral.

Quando um jornalista de rádio sabe que é menos seguro a improvisar, "prepara cuidadosamente os improvisos". Se gagueja, à procura de palavras ou arrumação de ideias, deve escrever TUDO para evitar enganar-se. O Jornalista de rádio rejeita o cultivo artificial da "hesitação".

Em resumo, o Jornalista de rádio deve rejeitar todos os artificialismos.

n) O Jornalista compra os instrumentos necessários para o alargamento dos seus conhecimentos e cultura geral.

Não leva jornais da redacção.

O jornalista protege o seu local de trabalho a pensar quer no seu próprio conforto quer no conforto dos colegas da equipa seguinte;

Arruma o que desarrumou, deita no lixo o que não presta, opera com cuidado instrumentos técnicos e faz uma boa passagem de serviço.

o) O Jornalista gosta de ser ouvido mas também gosta de ser criticado; sabe que a ausência de crítica é mau sinal. O Jornalista pressiona o seu EDITOR para que oiça os trabalhos e faça sobre eles uma crítica fundamentada.

p) O Jornalista só falta ao serviço quando força inquestionável obriga a isso. A relação de lealdade (que começa pela lealdade a si próprio) deve prevalecer acima de outros interesses.

q) O Jornalista só se atrasa por motivos absolutamente exteriores à sua responsabilidade.

A um atraso corresponde uma perda de tempo útil no trabalho da equipa e obriga eventualmente, a sacrifícios pessoais de outro companheiro.

r) O Jornalista não termina necessariamente o trabalho no fim do "turno", nem na conclusão da reportagem ou depois da intervenção num jornal. Pode haver outros passos a dar, outras acções para fazer, outros companheiros para ajudar.



B

O ESTILO
DO JORNALISTA
DE RÁDIO

A RCV DEVE TER UM ESTILO PRÓPRIO, QUE RESULTE DE UMA LINGUAGEM CRIATIVA, DE UMA POSTURA ATENTA AOS FENÓMENOS DA COMUNICAÇÃO RADIOFÓNICA E DE UM RITMO INTENCIONAL. ESTAS CARACTERÍSTICAS DEVEM MARCAR A QUALIDADE DO CONTEÚDO DO PRODUTO EM ANTENA.

a) O Estilo RCV caracteriza-se pelo extremo rigor da informação pela absoluta objectividade com que é desenvolvida, por uma total independência na abordagem de todas as situações, pela criatividade individual e colectiva nos temas, pela agressividade profissional, bem como pela curiosidade e honestidade intelectual na procura da notícia e respectivo desenvolvimento.

b) Deve fazer parte do estilo da RCV a reacção rápida às situações informativas, a mobilização para o "ataque" a situações especiais e a disponibilidade para a cobertura de acontecimentos relevantes.

c) No estilo RCV recusa-se o comodismo, o laxismo, a preguiça e a rotina. No estilo RCV mantém-se aberta a motivação na procura de novos ângulos de abordagem das situações informativas, afastando-se das banalidades, tentando marcar diferenças e projectar situações não previstas a partir da capacidade criativa dos seus jornalistas.

d) No estilo da RCV os jornalistas e animadores não podem ser funcionários de microfone.

Deve-se eliminar a rotina e manter-se permanentemente activo e curioso.

e) Uma das componentes mais importantes do estilo RCV é a postura dos seus comunicadores diante do microfone: informal, simples, ágil.

No estilo RCV, Jornalistas e Comunicadores/ Animadores falam, não lêem; contam histórias, comunicam.

O Estilo RCV está também na ENTREVISTA onde a postura nunca é subserviente ou arrogante, nem tão pouco procura o protagonismo.

Nas entrevistas, são colocadas as questões essenciais, de forma clara e directa, sem hesitações nem concordâncias, sem o uso excessivo da palavra.

A entrevista não deve conter saudações especiais ou agradecimentos ou formulação de votos especiais.

Nas REPORTAGENS o Jornalista da RCV não deve ser repetitivo, nem de longos apontamentos. O Repórter RCV é eficaz, claro e preciso.

f) No Estilo da RCV a linguagem é simples, concisa, directa, clara e precisa. As palavras utilizadas devem ser tão simples e eficazes quanto possível e rapidamente descodificadas.

Isso não significa que o Estilo RCV permita a rotina de uma linguagem repetitiva e como tal pobre.

O Estilo RCV recusa a utilização de estereótipos ou de lugares comuns, combate os "chavões" e recusa um género maneirista.

O Estilo RCV adopta as regras de linguagem oral. Rejeita as frases complicadas rebuscadas ou confusas.

O Estilo RCV entende que saber improvisar não é fácil para muitos jornalistas e animadores.

Estes devem partir de um conceito de que "quanto melhor for preparado, melhor é o improviso". Indo mais longo é dado assente que o melhor improviso é aquele que foi estudado.

g) No Estilo RCV há regras quanto à palavra escrita para ser lida ao microfone. Assim, a linguagem do Estilo RCV exige ou recomenda:

- clareza absoluta;
- concisão;
- simplicidade;
- discrição;
- estilo directo;
- frases curtas com uma só ideia;
- evitar o uso parcimonioso da ironia ou da insinuação;
- a pontuação é de acordo com o verdadeiro sentido da frase;
- evitar termos técnicos sem a devida explicação;
- eliminar cacofonias, rimas ou ecos;
- utilização moderada de metáforas, imagens e figuras de estilo, sempre que facilitem a compreensão da mensagem que se quer transmitir.

h) O Estilo RCV não esquece que a Rádio é a "televisão" dos invisuais, o único meio que conduz o destinatário a visualizar.

i) No Estilo RCV os jornalistas e animadores procuram todos os artifícios que os levem a "funcionar" ao microfone de um modo que se assemelhe, tanto quanto possível, ao "funcionamento" dos destinatários.



C
PALAVRA
FALADA

a) O Jornalista da Rádio, perante o microfone, tem de utilizar a respiração adequada, a emissão vocal adequada, o timbre claro e sonoro, a facilidade de articulação, a impecabilidade da pronúncia e da dicção.

b) Uma voz mais ou menos perfeita, deve ter uma pronúncia e uma articulação claras, uma dicção pausada, uma qualidade vibrante, ressonância, uma emissão vocal projectada, à flor dos lábios, valendo-se da articulação clara, da dicção cadenciada e da pronúncia perfeita.

c) O Jornalista de rádio, perante o microfone, não deve esquecer que “enquanto Lê um texto, é bom pensar constantemente que deve fazer-se ouvir e compreender”.

d) O Jornalista de rádio, perante o microfone, tem em atenção a “altura exacta” da voz, a “descontracção”, com voz livre e fácil e um tom de nível médio, mas variável, consoante a ênfase que quer dar a determinadas ideias.

e) A técnica a usar deve ser permanentemente treinada: boa respiração, suave e silenciosa; emissão fácil, com a voz bem projectada; articulação clara; pronúncia impecável; dicção pausada. Na RCV devemos fazer com que o ouvinte oiça todas as sílabas.

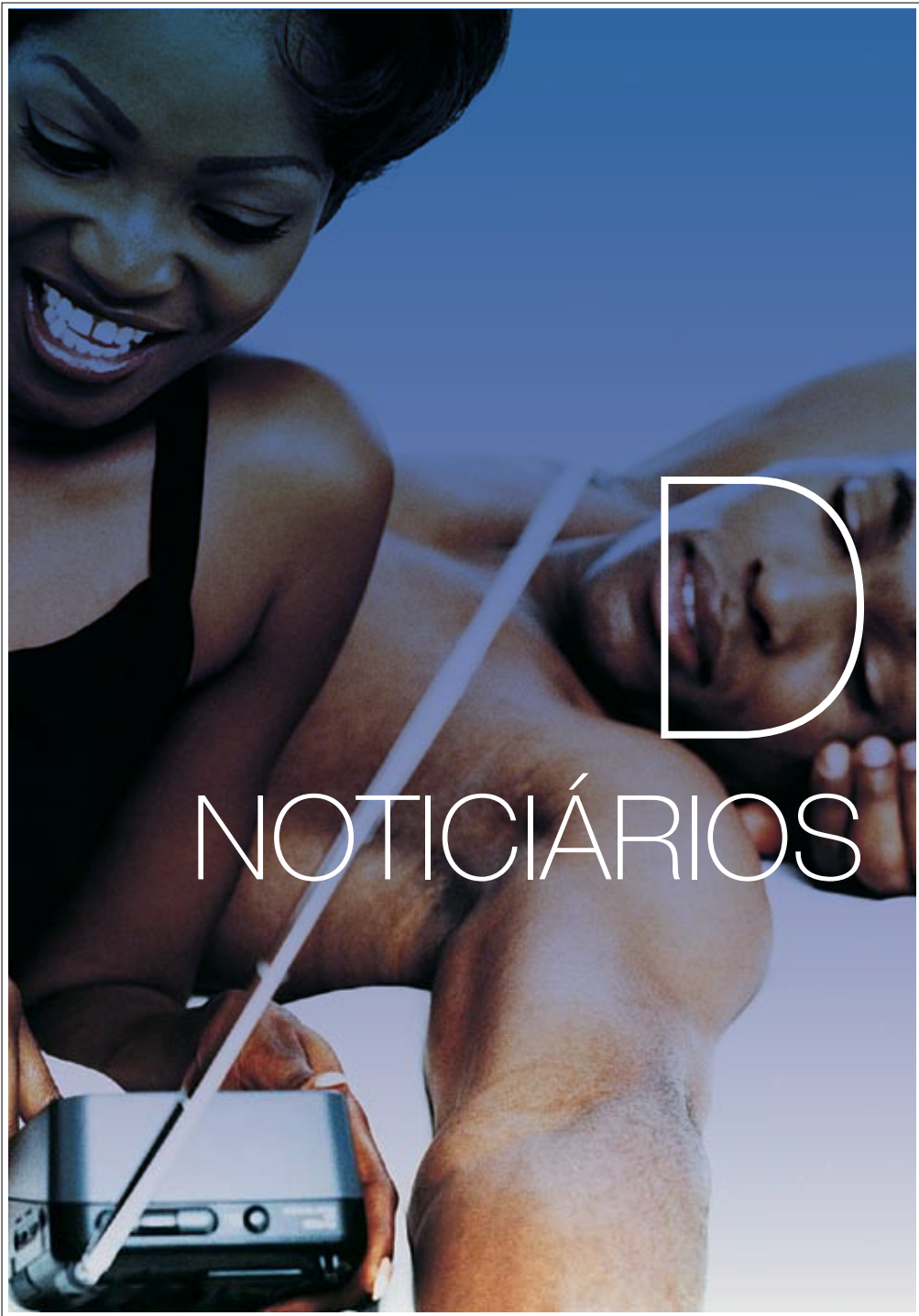
f) Na RCV devemos estar atentos às principais regras aplicadas à Rádio.

A Vírgula não significa forçosamente uma pausa breve e em muitos casos deve ser ignorada.

O Ponto e Vírgula podem significar tanto uma pausa breve como uma pausa prolongada e terá que definir-se de acordo com o sentido.

As Reticências significam, geralmente, quando incluídas no meio de uma frase, pausas breves e uma entoação diferente.

As Reticências no final de uma frase, significam uma ideia inacabada, devendo provocar uma pausa prolongada.



D

NOTICIÁRIOS

RITMO RCV DEFINE-SE PELA IMAGINAÇÃO QUANTO AO ALINHAMENTO DAS NOTÍCIAS "HISTÓRIAS" PELA FORMA COMO SÃO CONTADAS PELO TRATAMENTO DOS "SONS" OU "RM'S", POR INTERVENÇÕES CURTAS DOS REPÓRTERES, PELA COLOCAÇÃO DE PERGUNTAS DIRECTAS E ESSENCIAIS AOS INTERLOCUTORES EM DIRECTO. **OS JORNAIS DA RCV:**

a) Ocupam a antena na duração definida pela Direcção e só excepcional e justificadamente devem ultrapassá-la.

b) Abrem com títulos bem constituídos e fortes (10 a 12 Palavras), uma perspectiva do que se vai ouvir.

c) Fecham com títulos diferentes dos de abertura, um olhar prospectivo do que se ouviu.

d) Apresentam os títulos bem separados (ou com recurso a uma ênfase apropriada ou pelo "sobe-e-desce" do "sem-fim", de modo a evitar fontes de ruído.

e) Podem incluir entrevistas em directo desde que:

e.1 - Tenham sido bem preparadas duas (no máximo, três) perguntas;

e.2 - As perguntas sejam suficientemente agressivas (sem agressividade).

e.3 - As perguntas tenham uma característica fechada, evitando-se perguntas abertas do género "qual é a sua opinião sobre..."

e.4 - As perguntas traduzam o conhecimento intuitivo de "qual a questão que os ouvintes gostariam de colocar".

f) São constituídos por bons "lançamentos do EDITOR aos "papeis" e registos apresentados por outros jornalistas:

f.1 - Os "lançamentos" podem ser negociados entre o editor e o seu companheiro;

f.2 - Não deve haver em caso algum, decalque

ou repetição de elementos entre o "lançamento" e a abertura da Notícia .

g) Quanto às ligações entre as histórias - notícias - os jornais da RCV são produzidos segundo os seguintes conceitos:

g.1 - Um jornal ligado, é em princípio mais agradável e provoca maior conforto ao destinatário.

g.2 - Evitar ligações forçadas (com o simples e pobre "aproveitamento" de uma ligação geográfica); as ligações forçadas podem resultar em "ligações perigosas" para a imagem da antena.

g.3 - Quando há hipóteses de ligação entre duas histórias, deve ser trabalhada; quando não há hipótese alguma, pura e simplesmente não se faz - neste caso, a "não ligação" deve ser substituída por uma boa "ênfase-pausa" tradução imediata da ideia de que esta história termina aqui... passamos à história seguinte".

A paginação dos Jornais da RCV obedece às leis de proximidade e do grau de novidade.

Os jornais da RCV rejeitam qualquer fórmula de hierarquização que não responda ao efectivo interesse das notícias. Na RCV um noticiário pode abrir com uma notícia do desporto, como pode abrir com uma notícia internacional.

Quando uma notícia é elaborada com base na informação das agências e descreve uma situação numa região afastada, o "lançamento" do editor enquadra devidamente a história de modo a evitar que o "papel" se confundia com um testemunho do "repórter acabado de chegar do teatro da situação".



A NOTÍCIA É O OBJECTO PRIORITÁRIO DA RCV. A SELECÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS, NÃO SENDO CONSENSUAIS, JUSTIFICAM QUE A RCV CRIE UM PADRÃO QUE MELHOR IDENTIFIQUE O SEU PROJECTO. A "NOTÍCIA RCV" É CONSTANTEMENTE PROCURADA E ANUNCIADA COM ESTA MESMA DESIGNAÇÃO NOS NOTICIÁRIOS.

Quanto à hierarquia das notícias as decisões são tomadas tendo em atenção:

- Grau de implicação;
- Aplicação cuidadosa da lei da proximidade;
- O padrão que melhor identifique o estilo da RCV;
- Grau de ruptura.

Quanto à notícia no geral:

a) Vale tanto mais quanto mais importante for o grau de novidade e pesquisa.

b) Privilegia todas as informações que interfiram no quotidiano dos cidadãos.

c) É formada por três partes:

c.1 - "abertura" ou "cabeça" com a informação mais importante.

c.2 - "corpo da notícia", onde se incluem as restantes respostas às questões (quem, o quê, quando, onde, porquê / como).

c.3 - "rodapé" ou "fecho" que deve incluir um complemento ou reenquadramento.

As notícias das agências devem valer como importantes pontos de partida. Devemos interpretar-las, comentá-las, completá-las, confirmá-las, desenvolvê-las, dar-lhes enfim um valor acrescentado.

Jornalista deve desenvolver um esforço de curiosidade e de honestidade intelectual para ser criativo e evitar perder a sua identidade e seguir o mesmo caminho de todos.

Deve agir da mesma forma perante registos de correspondentes que muitas vezes são pontos de partida e não de chegada.

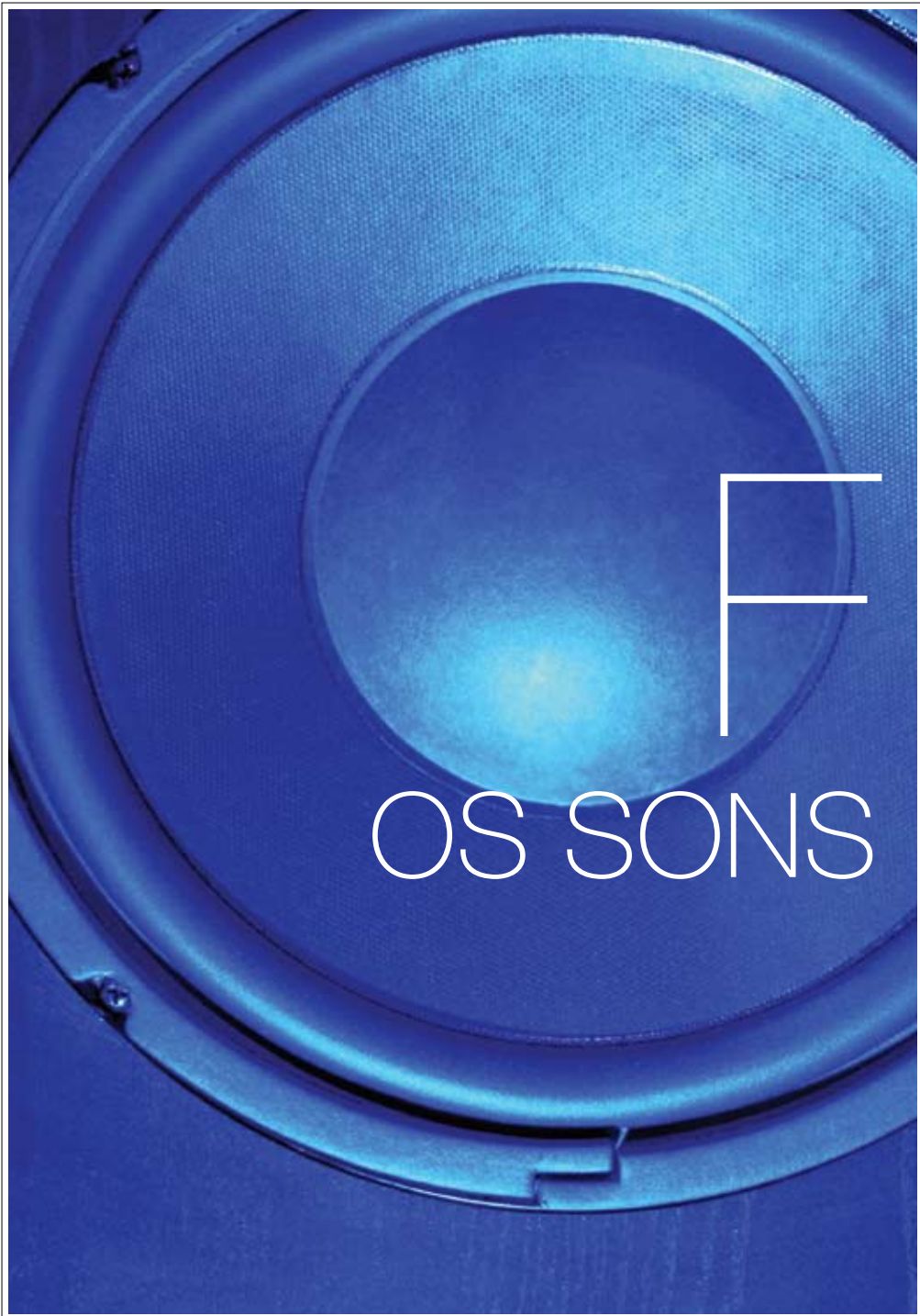
Importante:

As notícias das agências devem ser sempre trabalhadas, antes de serem lidas aos microfones.

Da mesma forma, os jornais, as outras rádios e a televisão devem ser encaradas como fontes propiciadoras de informação.

Os jornalistas citam sempre estas fontes de informação cumprindo um dever deontológico essencial.

Na RCV, deve ser prioritário o esforço de pesquisa de informação nova e interessante.



F OS SONS

NA RCV, O SOM OU (RM) É UMA PARTE IMPORTANTE, QUANTAS VEZES FUNDAMENTAL, DO DIA-A-DIA. AS HISTÓRIAS NA RCV GANHAM DIMENSÃO DESDE QUE ILUSTRADAS E EM MUITOS CASOS, SÃO CONSTRUÍDAS A PARTIR DE SONS.

A constatação desta realidade deve conduzir a RCV para níveis de grande exigência, tanto a nível de conteúdo, como a nível de qualidade de sons, sem esquecer a importante vertente que, podemos definir como "aproveitamento deontologicamente inquestionável" dos sons.

a) A RCV não manipula os sons retirando-lhes partes importantes do contexto em que foram registados.

b) A RCV não edita sons que tenham sido registados sem conhecimento prévio dos interlocutores.

c) A selecção de parcela ou parcelas dos depoimentos obtidos resulta no interesse objectivo e na eficácia, determinados pelo contexto da respectiva história.

d) O som é editado com a preocupação fundamental de extrair o que de essencial contém. As generalidades contidas na "gravação em bruto" para enriquecer a narrativa do jornalista. As repetições são eliminadas.

e) Os sons devem conter as frases e/ou expressões, mais válidas e mais ricas, em termos informativos.

f) Na RCV o jornalista recusa a fazer-se substituir-se pelos interlocutores sobre matéria declaradamente informativa. Ao interlocutor é pedido que exprima sentimentos, opiniões e nunca que faça notícias.

g) Em princípio um som passa à antena com um mínimo de qualidade técnica. Um som menos

perceptível só é utilizado quando vale como documento ou quando vale por si mesmo.

h) Os sons ambiente constituem excelentes suportes para as histórias, no momento da realização dos jornais.

i) Um som não deve ser cortado de forma a perceber-se que a ideia não foi concluída. Normalmente, o corte a meio de uma frase (som pendurado) não tem resolução possível no rodapé. Um som pendurado constitui uma descortesia para com o interlocutor, para com os ouvintes e acima de tudo, é ofensivo para a imagem da rádio, e dos seus jornalistas.

j) O ideal de um som, depois de montado, é que comece no início natural de uma frase (ou de uma ideia) e acabe num claro "ponto final" ou (pausa conclusiva).

k) O editor nunca substitui um som que "não entrou". Apoia-se no script e conclui a história que estava a contar.

l) O Editor deve procurar conhecer os seus sons.

m) Para evitar a repetição insistente de sons, o editor procura diversificar a respectiva utilização.

m.1 - Prepara o som numa pausa adiante e trabalha a entrada de acordo com essa "variante".

m.2 - Estimula o secretariado e os operadores para a feitura de novos sons a partir dos mesmos depoimentos originais.

m.3 - Estimula o secretariado para a divisão de um som mais extenso em dois mais curtos:

Quanto aos sons demasiado curtos:

m.4 - Abaixo dos 10 segundos, um som arisca-se a causar "ruído" por não dar tempo ao destinatário para fazer uma descodificação total. Esse som pode valer no entanto como um documento inestimável, nesse caso, exige cuidados especiais e há várias formas de o gerir;

m.5 - No lançamento previne-se o destinatário de que o som é rápido.

m.6 - No lançamento reconstitui-se, mesmo que decalcando, o que vai ser dito a seguir pelo personagem em causa.

m.7 - Em caso de importante significado, o som pode mesmo ser utilizado duas vezes.

Em princípio os sons não devem ter nunca menos de 10 segundos. Na RCV o tempo ideal de um som é 1 minuto e Meio.

Lançamentos e rodapés:

Um som implica sempre um lançamento e um rodapé.

Quanto ao lançamento:

a) Contém sempre a referência às duas componentes implícitas do interlocutor: nome e qualidade. A identificação de um som pode ser dispensada no rodapé (conforme os casos), mas é obrigatória no lançamento;

b) Exceptuam-se os casos em que uma delas basta ou em que a própria voz identifica o depoimento. Na maior parte dos casos, prevalece a qualidade sobre o nome do personagem e é portanto àquela que deve ser dada ênfase;

c) Um lançamento tem, deste modo, em vista a credibilidade do som e que obrigatoriamente, terá de ser garantida;

d) Pode conter uma referência à postura do personagem (ex.: triste, contente, etc.)

e) Um lançamento tem como objectivo a instalação confortável do destinatário no que vai ouvir;

f) Um lançamento é uma ponte harmoniosa entre a narrativa do editor ou do jornalista e a ilustração escolhida.

g) Um lançamento nunca é genérico (Ex. "sobre este assunto a redacção ouviu..."). Um lançamento genérico sugere uma postura distanciada e até de indiferença, prejudicial ao editor ou jornalista e à imagem da rádio na antena;

h) Nos casos de maior pressão no trabalho, o secretariado transmite ao editor ou ao jornalista todos os elementos (incluindo o SCRIPT) que permitam à produção de um correcto lançamento.



OS DIRECTOS

A APETÊNCIA PELO DIRECTO, NÃO DEVE CONDUZIR A ESTAÇÃO PARA SITUAÇÕES DE PURO RISCO. SENDO O DIRECTO, EM MUITAS SITUAÇÕES, NÃO PREPARADO, DEVE SER FEITO UM ESFORÇO DE AVALIAÇÃO DO REPÓRTER PARA EVITAR A OCORRÊNCIA DE DESASTRES NA ANTENA, POR VEZES DEVIDO A DEFICIENTE CAPACIDADE DE IMPROVISO DO REPÓRTER, INEXPERIÊNCIA OU NERVOSISMO. É PREFERÍVEL UM BOM DIFERIDO A UM MAU DIRECTO.

Repórter antes de sair:

a) Informa-se com todo o rigor sobre o local do acontecimento.

b) Explica claramente aos técnicos que meios pretende utilizar.

c) Documenta-se com os necessários elementos de enquadramento da situação que lhe permita, no terreno, agir e compreender melhor a situação onde está envolvido.

d) Acerta sem equívocos, com o editor o peso específico da reportagem e procura levar consigo uma ideia aproximada do tempo de antena atribuído.

e) Faz um teste sumário ao material que vai levar.

f) Sai com a antecedência suficiente para:

f.1 - Evitar perder factos previstos;

f.2 - Poder intervir, com segurança na antena - programa ou jornal.

Repórter no terreno:

a) Sempre que possível avisa a redacção que já chegou ao local.

b) Combina com o editor o lançamento mais adequado.

c) Quando vê que a intervenção pode ser mais longa, propõe ao editor um oportuno "relançamento".

d) Aplica toda a capacidade de observação.

e) Sobretudo nas situações mais rotinadas, está atento à postura e aos gestos dos actores e às palavras que são ditas.

f) Apresenta os intervenientes de forma clara.

g) Sempre que possível o repórter deve escrever a sua intervenção ou, pelo menos alinhar ideias de acordo com a hierarquização das informações que vai transmitir. O melhor improvisado é aquele que foi estudado.

h) Se o directo coincidir com discursos ou conferências de imprensa o repórter vai anotando as linhas de força para poder produzir rodapés adequados mas sem repetir exaustivamente tudo o que foi dito.

i) No caso de intervenções mais extensas dos intervenientes, o repórter vai marcando regularmente presença em antena, procurando tapar o menos possível as declarações que estão a ser produzidas.

j) O repórter da RCV em directo evita conformismos, tenta questionar e procura "furar" as barreiras, particularmente nas situações imprevistas.

k) O Repórter da RCV deve insistir nas perguntas e não se deixa recuar ou dominar na intromissão de outro jornalista ou de um assessor.

l) Situações em que toca o Hino Nacional ou Minuto de Silêncio o repórter deve procurar intervir para narrar aspectos de reportagem.

O Jornalista / repórter é um cronista e não um dos intervenientes.

O repórter da RCV evita em antena, uma comunicação despropositadamente informal com o editor ou pivot da emissão. Ex: "é verdade, meu caro... nem imaginas o que aqui vai...".

m) O repórter em directo, ao telefone, evita utilizar, na mesma linha, um som também obtido ao telefone. A "sobreposição de telefones" dá quase sempre mau resultado.

n) O repórter deve fechar rapidamente a sua intervenção, se começar a sentir dificuldades.

o) As intervenções não devem ser fechadas com expressões do género, "a emissão para os estúdios,... daqui é tudo".

p) Nos casos em que a presença do repórter deve ser mantida nunca abandona o local do acontecimento sem ser substituído.

q) Editor ou pivot perante a reportagem em directo:

q.1 - Evita sobrepor a voz com a do repórter.

q.2 - Não "perde de vista" o repórter, na perspectiva de nova entrada em antena.

q.3 - Está inteirado do assunto que está a ser coberto, mas não "sabe tudo": restringe assim o inconveniente de lançar o repórter com quase

todas as informações que vão ser dadas no directo.

q.4 - Está atento à narrativa do repórter para auxiliar nos momentos mais vazios, fazendo mais uma pergunta, relançando o tema, acrescentando uma informação complementar, lançando pistas.

r) Ao longo do directo vai tomando notas, com dois objectivos:

r.1 - Fazer um rodapé onde, em lugar da repetição do que foi ouvido, lança a "cor" do acontecimento e as suas linhas-mestras. Reunir elementos que lhe permitam construir rapidamente um bom "título de fecho", necessariamente diferente do "título de abertura" dado que aconteceu um directo.



OS CORRES- PONDENTES

ELEMENTOS DISTANTES DAS EQUIPAS E DA REDACÇÃO DA RCV, OS CORRESPONDENTES SÃO PARTE INTEGRANTE DA RÁDIO E TÊM DE TER TODO O APOIO E COLABORAÇÃO.

a) O correspondente deve falar com os jornalistas (editores e membros da redacção). Não é admissível a recepção de crónicas / peças sem conferência prévia ou a solicitação de histórias feita por elementos não pertencentes à Redacção.

b) Dos trabalhos recebidos, deve ser dado "feedback" aos correspondentes.

Eles precisam saber se a história foi "aceite" com agrado se estava bem contada, bem escrita e bem lida e se deve fazer rectificações em qualquer dessas áreas.

c) Os correspondentes não devem ficar "pendurados" à espera de chamadas ou de gravação. Se foi combinado um contacto que tem de ser adiado, é preciso ligar e justificar a demora.

Se por alguma razão a gravação não pode ser feita imediatamente, combina-se nova ligação. Se a história é urgente ou se o correspondente não pode dispor de mais tempo ganha prioridade e grava imediatamente.

d) A um correspondente que liga porque tem uma história, não se pode dizer que o noticiário "está cheio". É preciso saber a importância dessa história dialogando com o correspondente.

e) O correspondente não deve ser considerado um "chato".

f) Tendo informação, é preciso ouvi-lo com atenção e respeito.

g) A Redacção deve avaliar os "directos" com os correspondentes a partir das qualidades e os defeitos desses correspondentes.

h) Sempre que possível, a redacção deve fazer aproximações aos correspondentes.

Precisa de os conhecer, de acentuar a relação, de os fazer sentir parte do colectivo, de os trazer às redacções da RCV quando estiverem próximos dos centros de produção.

i) A Redacção e a Técnica devem colaborar com os correspondentes, dando-lhes conselhos técnicos e repetindo gravações, quando por algum motivo, a gravação efectuada não estiver nas melhores condições.



DESPORTO

PELA SUA ESPECIFICIDADE E POR ALGUMAS DIFICULDADES NA SUA DESCODIFICAÇÃO, O “DESPORTO “ IMPÕE ALGUMAS CAUTELAS, MAS NÃO PODE SER CONSIDERADA PARTE ESTRANHA NA INFORMAÇÃO.

a) A redacção deve estar a par das situações desportivas de grande actualidade, nacional e internacional. É aconselhável sempre desfazer dúvidas junto dos especialistas do desporto.

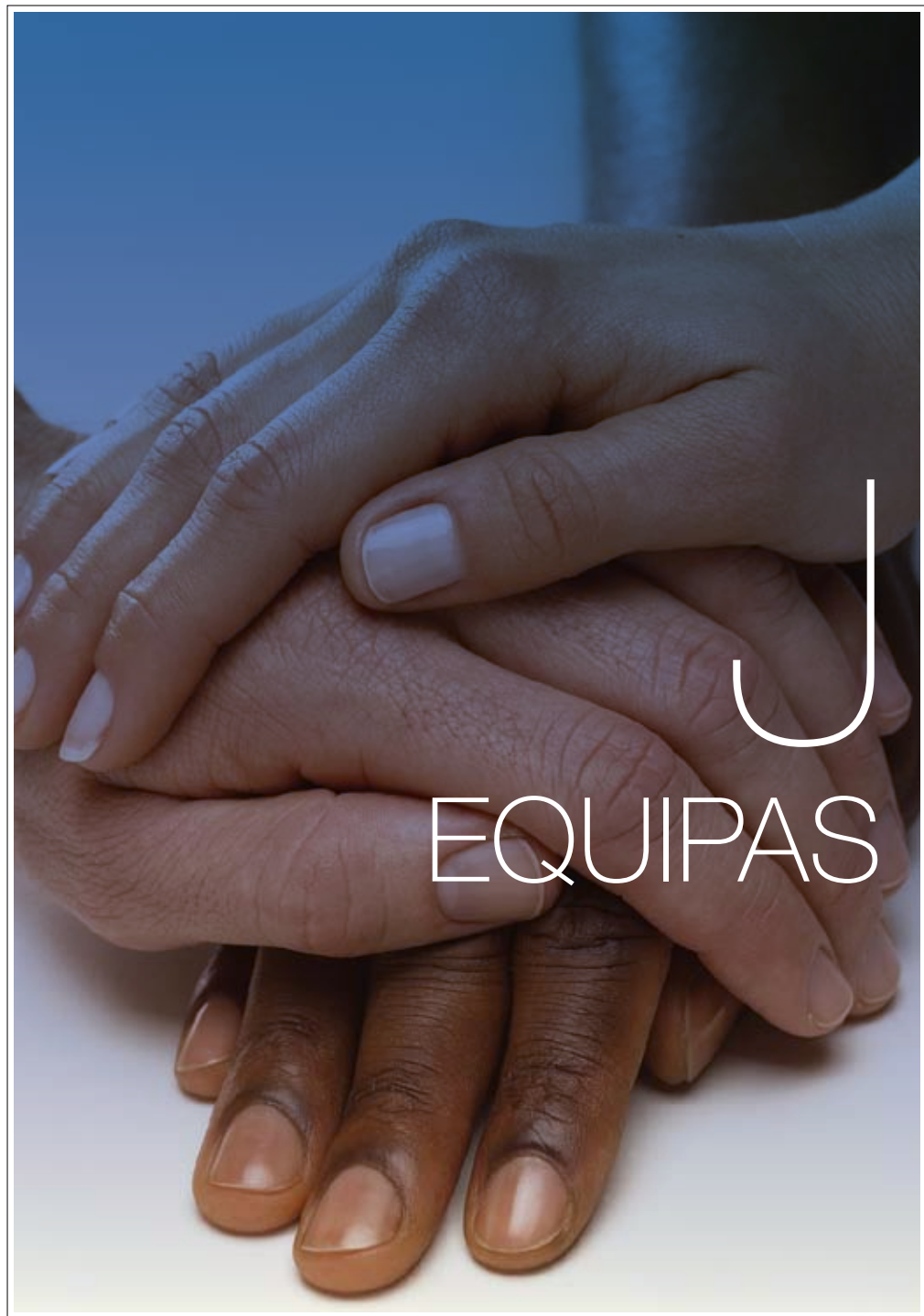
b) O desporto não deve ser afastado da lógica informativa, por desconhecimento ou receio de abordagem. A notícia deve ser avaliada junto de quem a possa descodificar e dar origem ao mesmo percurso usado para a restante informação.

c) Havendo áreas delicadas no tratamento de questões desportivas, interessa que cada equipe avalie, com os especialistas, formas de abordagem ou desenvolvimento.

d) Se a história do desporto, em termos informativos, é mais importante que as outras, porque não abrir o noticiário com essa mesma história?

e) O desporto é a área informativa que, normalmente produz mais lugares comuns, metáforas, estereótipos e, portanto a que obriga a um maior esforço de vigilância e prevenção. A RCV não pode usar no desporto, um tipo de linguagem que não utiliza no tratamento da restante informação.

f) A Redacção deve conhecer todos os especialistas desportivos e aproveitar a sua presença para esclarecer dúvidas e alargar o "background".



J
EQUIPAS

A RCV DEVE CARACTERIZAR AS SUAS EQUIPAS DE TRABALHO SEGUNDO PADRÕES ESSENCIAIS DE COMPORTAMENTO.

a) Cada equipa deve realizar diariamente uma conferência de redacção eficaz, crítica, imaginativa e rigorosa.

b) Regularmente, cada equipa deve realizar uma conferência crítica que tenha por objectivo passar revista ao trabalho do grupo e de cada um dos seus elementos e nestes casos, deve acentuar o sentido construtivo da crítica, visando corrigir comportamentos, evitar erros e reforçar a coesão.

c) Nos seus horários, as equipas devem organizar-se no sentido do cumprimento de algumas regras vitais:

c.1 - Fazer escuta das outras rádios e televisões.

c.2 - Acompanhar o desenvolvimento do trabalho de cada elemento da equipa, visando prevenir erros ou deficiências;

c.3 - Acompanhar, atentamente, as edições, desenvolvendo uma capacidade imediata de intervenção que aponte erros, deficiências ou insuficiências.

c.4 - Desenvolver o sentido interrogativo dos jornalistas, sublinhando a ideia de que é preferível assumir a ignorância e perguntar do que correr o risco de cometer um erro grave em antena.

c.5 - Tratar rigorosamente os sons, tanto na qualidade do seu registo, como na escolha das passagens essenciais.

c.6 - Manter canais de comunicação abertos com as redacções nos centros de produção, com correspondentes e especialistas.

c.7 - Cuidar da estrutura global da redacção, mantendo jornais e outras fontes de consulta, vigiando o abastecimento da redacção, no que respeita a papel e outros consumíveis indispensáveis ao funcionamento da redacção.

d) As equipas devem colaborar com a troca de informações, opiniões e sugestões de trabalho.



NA RCV AS LIDERANÇAS DEVEM SER CLARAS, FIRMES, DIALOGANTES E CONSTRUTIVAS.

a) Na RCV a estrutura hierárquica é aberta, próxima e dialogante.

b) A liderança na RCV, seja a nível de estrutura global, seja ao nível reduzido das equipas, deve ser exercida com firmeza, assente em pressupostos de diálogo, de aproximação, e de constante exercício de apoio crítico.

c) No que respeita às equipas importa sublinhar que, na RCV um líder de equipa deve assumir o poder de decidir, dentro do espaço de autonomia que lhe é concedido pela Direcção, a responsabilidade de optar segundo balizas definidas editorialmente, o papel de dirigir com bom senso e autoridade natural, equipas feitas de pessoas que são intrinsecamente diferentes.

d) Deve a liderança a nível das equipas, desenvolver um sentido crítico forte e a arte de gerar consensos, unidade e coesão, fundamentais no trabalho de grupo.



M
ANIMAÇÃO

A RCV DEVE DAR CONDIÇÕES À ANIMAÇÃO QUE PERMITAM O EXERCÍCIO DE UM TRABALHO DE QUALIDADE. É FUNDAMENTAL PARA A RCV PRESTIGIAR A ÁREA DA ANIMAÇÃO. ESTILO RCV INCLUI A NECESSÁRIA HOMOGENEIDADE ENTRE A VERTENTE “INFORMAÇÃO” E A VERTENTE “ANIMAÇÃO/PROGRAMAS”.

Perfil do ANIMADOR RCV é pois o seguinte:

- a)** O animador RCV, tal como o jornalista tem em antena, uma postura ágil, informal, simples e eficaz; é um elemento de ligação dupla à informação e à música.
- b)** A linguagem do Animador RCV deve ser simples, concisa e clara.
- c)** O Animador RCV renuncia aos lugares comuns, às metáforas, aos estereótipos, à torrente de palavras e ao uso excessivo de jingles.
- d)** Tal como o jornalista, o animador RCV prepara os seus “improvisos” escreve textos curtos, simples e objectivos.
- e)** O Animador RCV deve manter uma ligação permanente com a equipa de redacção para dominar as linhas de actualidade. Este contacto permite-lhe cumprir na antena da RCV a postura desejada: reacção rápida e eficaz aos desenvolvimentos inesperados.
- f)** O Animador RCV cumpre as linhas definidas para cada programa e orienta o trabalho para os Púlblico e nunca apenas o seu gosto pessoal.
- g)** O Animador RCV procura introduzir na emissão propostas musicais com destaque para a música nacional (percentagem a definir) e outras variadas e universais.
- h)** O Animador RCV evita a repetição de músicas, essencialmente durante o mesmo período de emissão.
- i)** O Animador da RCV não pratica o “corte à faca”, pelo contrário, procura encaixar as músicas de acordo com a previsão de mudanças.
- j)** O Animador RCV só utiliza separadores ins-trumentais mas não insiste na utilização de separadores. A utilização excessiva ou abusiva de separador pode contribuir para a imagem de desleixo porque não passa de “música de encher”.
- k)** O Animador RCV nunca fala em cima do cantado, a não ser em casos específicos (lançamento em primeira mão de novidades).
- l)** O animador RCV não muda de turno durante os jornais, como não se ausenta dos estúdios durante os blocos informativos.
- m)** O Animador RCV não provoca “brancas” na antena.
- n)** O Animador RCV é um profissional responsável:
 - n.1 - Evita reter os discos RCV ou levá-los consigo.
 - n.2 - Protege os instrumentos de trabalho e presta-lhes uma atenção cuidada.
 - n.3 - Quando termina o turno ordena e arruma o material porque, assim, pode reclamar que o estúdio se apresente nas melhores condições quando inicia o trabalho.
 - n.4 - Perante qualquer avaria no estúdio, comunica-a imediatamente aos serviços técnicos.



N

TÉCNICA

SECTOR DA TÉCNICA É SEMPRE IMPORTANTE EM QUALQUER ESTAÇÃO DE RÁDIO, MUITAS VEZES A MAIS SACRIFICADA .

Deve ser estilo da Técnica na RCV:

a) Iniciar o turno com a antecedência necessária, para uma boa passagem de serviço.
Evitar atrasos que penalizem colegas, obrigados a prolongar o trabalho.

b) Fazer a passagem de turno, com maior rigor possível.

c) Envolvimento e participação em reuniões preparatórias de acções que exijam mobilização de técnicos e meios técnicos.

d) Dizer não a uma posição de inferioridade, ou superioridade, relativamente aos jornalistas.
O estatuto é idêntico e deve ser mútuo o respeito e a cooperação.

e) Maior rigor na gravação evitando perdas de tempo e qualidade.

f) Evitar situações que alarguem a possibilidade de ocorrências de erros técnicos, como por exemplo paragens a meio do som ou cortes que deixem o som "pendurado". Enganos nas peças aconselham o regresso ao início, evitando colagens perigosas e/ou sem qualidade.

g) Manter todos os sons gravados durante o turno, com registo do alinhamento, para permitir fácil identificação de um som que tenha sido perdido.

h) Preparar atempadamente o material de reportagem que o jornalista vai usar fazendo teste prévio.

Envolvimento numa reportagem:

- Conferir todo o material necessário, na sequência do diálogo prévio com a redacção para saber o que se pretende;

- Deslocação atempada para o local de reportagem.

- Realização de testes prévios e eficazes.

i) Evitar ausências prolongadas dos estúdios.

j) Não alinhar sons sem prévias indicações da Redacção. Deve ser chamado um jornalista que identifique o assunto e oriente a edição do som.

ÉTICA E DEONTOLOGIA

A Princípios e normas de conduta profissional

B Informar sem manipular, difamar ou intoxicar

C Privacidade e responsabilidade

D Seriedade e credibilidade.

E O jornalista não é um mensageiro.

A Princípios e normas de conduta profissional

Imparcialidade, Integridade e Independência em relação aos vários poderes e às fontes de informação definem a conduta profissional dos Jornalistas da RCV.

Devem os jornalistas da RCV atender ao seguinte:

1 O Jornalista recusa cargos e funções incompatíveis com o Estatuto dos Jornalistas; ligações governativas, empresariais, ou a publicidade, assessorias de imprensa, relações públicas e vínculos a poderes privados e oficiais.

2 Não se envolve em posições de carácter político, nomeadamente através de tempos de antena ou apoios declarados a figuras ou agrupamentos partidários e também em campanhas publicitárias ou abaixo-assinados que, pela sua natureza, comprometem a sua imagem de independência.

3 Trata distanciada e descomprometidamente qualquer assunto, com recolha de maior número de informações e perspectivas que garantam uma abordagem séria e imparcial.

4 Usa o máximo de rigor na terminologia. A necessidade de qualificar acontecimentos, organizações ou pessoas não deve ser confundida com juízos de valor.

5 Salvaguarda quaisquer pressões, ou directivas de ordem institucional, política, militar, económica, cultural, desportiva, religiosa ou sindical, que tendem a orientar, condicionar, ou instrumentalizar o trabalho jornalístico.

- A propaganda oculta, em qualquer das suas formas, políticas e comerciais é inaceitável na RCV.

- Perseverança e motivação individual para se fazer mais e melhor devem ser características do jornalista que deve ter, igualmente, um elevado sentido de colaboração e de equipa com toda a estrutura da RCV.

Qualquer informação deve ser imediatamente canalizada para os editores ou agenda.

6 O Jornalista deve ter respeito integral pela relevância dos factos investigados, honestidade intelectual e defesa escrupulosa do interesse público.

- A redacção de um texto e a sua leitura envolvem decisões individuais e colectivas de natureza sempre subjectiva. Por isso, a objectividade jornalística é entendida como um valor limite e uma meta que a RCV deve procurar alcançar. A honestidade intelectual implica igualmente exactidão nos factos narrados e fidelidade das opiniões recolhidas.

- Incurrir em falsidades ou no sensacionalismo, manipular deturpar ou silenciar informações é noticiar especulações como se fossem factos, descredita a RCV desqualificam quem o pratica e colocam em perigo a credibilidade da Estação.

7 O Jornalista deve distanciar-se dos factos e das histórias, sem prejuízo da sua observação pessoal e do seu estilo, que se pretende vivo e característico. As vedetas da RCV são as notícias e quem as protagoniza, nunca quem as conta. O Jornalista é um espectador da cena onde se produzem acontecimentos. Por isso, a utilização da Primeira Pessoa do Singular deve ter uma utilização restrita no relato das situações, exceptuando os casos em que o jornalista é, ele próprio um dos protagonistas do acontecimento. O plural majestático, ou expressões do tipo "este jornalista" "disse ao repórter", são deselegantes e devem também ser evitadas.

8 Os Jornalistas da RCV devem manter uma atitude independente e crítica perante todos os poderes e interesses estabelecidos mas nunca de forma preconceituosa, ressentida ou hostil.

- Depois de escreverem as suas peças, e antes de as lerem em antena os jornalistas devem sempre colocar a si próprios esta pergunta clássica da maior parte dos manuais da profissão: "Fui tão rigoroso quanto me era possível?"

B Informar sem manipular, difamar ou intoxicar

O direito ao bom nome e o princípio da inocência até condenação em tribunal, ou até prova indiscutível, devem ser escrupulosamente garantidos na Antena da RCV. Importa ponderar esse equilíbrio entre informar e manipular, difamar ou intoxicar.

1 A honra, a dignidade e a reputação de pessoas individuais e colectivas devem ser escrupulosamente respeitadas na antena da RCV.

Todos os temas que envolvam esses aspectos exigem investigação prévia e extremamente cuidada, prudente e imparcial.

Não basta a identificação da fonte de informação, nem o registo da resposta da parte acusada, para se evitar cair na calúnia, difamação ou instrumentalização da Rádio por esta ou aquela campanha.

A apresentação de provas, a boa fé e a lisura de processos utilizados pelos jornalistas devem ser transparentes e indiscutíveis.

2 O Prestígio profissional, científico, técnico, artístico ou partidário prestam-se a frequentes campanhas de manipulação e desinformação.

Os Jornalistas da RCV garantirão, sempre, o recurso aos indispensáveis mecanismos de objectividade: pluralidade das fontes, investigação, ausência de ideias preconcebidas, abertura a

situações inesperadas e perspectivas novas, contraditórias ou não com as convicções naturais de cada jornalista.

3 Os casos judiciais ou ainda em fase de investigação policial (ou de âmbito controverso) devem ser tratados com a máxima precaução e distanciamento da origem das acusações. O tratamento desses casos deve ser sóbrio e distanciado, segundo critérios de rigoroso interesse jornalístico, recusando o sensacionalismo. Nenhuma notícia deve confundir a suspeita com a culpa.

4 Qualquer informação desfavorável a uma pessoa ou entidade, obriga a que se oiça, sempre, o "outro lado". Nos casos em que isso não for possível deve o jornalista da RCV explicar os motivos de forma mais específica que for possível e voltar ao assunto até completo esclarecimento.

5 Todas as pessoas sob acusação criminal não provada, são tratadas como "acusadas" ou "suspeitas".

6 Nas reportagens de julgamentos ou de trabalhos similares, a palavra "confissão" só pode ser utilizada se resultar de um depoimento prestado em audiência formal do tribunal, pelo réu ou pelo defensor.

Nada do que vem da polícia, da acusação ou que possa ser recolhido pelo próprio jornalista deve ser usado como confissão. As pessoas na condição de acusadas relatam, declaram, contam, ou explicam. Evitar expressões como admitem, reconhecem, diz-se ou sabe-se.

7 O "Assassino Confesso" não o é, porque a polícia o diz e a acusação o deseja. É preciso também que se prove em Tribunal.

8 Nunca se deve utilizar a expressão "alegado criminoso", relativamente a uma pessoa não condenada. O Tribunal pode decidir que houve legítima defesa. Um "alegado burlão" pode vir a ser considerado inocente. Um caso de corrupção sustentado de forma negligente pela investigação jornalística será sempre matéria punível por difamação.

9 Em todas as circunstâncias a RCV revela, apura, divulga. Jamais denuncia. A RCV regista a acusação de terceiros mas garante sempre, aos acusados o direito de exporem os seus pontos de vista em pé de igualdade com os acusadores.

10 Todos estes pontos não diminuem, nem limitam a disponibilidade da RCV para tratamento de questões delicadas ou controversas no plano criminal.

C Privacidade e Responsabilidade

1 O espaço privado dos cidadãos é o único limite editorialmente imposto na antena da RCV. É um direito e uma responsabilidade consagrados há muito no jornalismo de qualidade e que presuppõe várias vertentes a ter em conta.

2 - Casos de violação da privacidade.

- Divulgação de factos da vida pessoal e afectiva, hábitos sexuais ou da esfera privada (se é alcoólico, consome drogas, etc) põe em causa o direito à reserva da intimidade da vida privada e familiar.

- Identificação de vítimas de crimes sexuais ou nomes que envolvam delinquentes menores.

- Utilização fraudulenta de nomes de terceiros para obtenção de informações. A sua utilização, em circunstâncias excepcionais, só deve ser feita com o conhecimento e acordo da Direcção.

- Utilização dos meios ilegais para entrar em casas particulares ou em quartos de hotel, buscas não autorizadas de documentação, instalação de câmaras ou microfones e uso de binóculos para espiar o interior de domicílios.

3 - Urbanidade e decência.

A RCV rejeita todos os estereótipos e preconceitos de linguagem que firam a sensibilidade comum em assuntos que envolvam a idade, a raça, a religião ou o sexo. Ninguém deve ser qualificado pela sua origem étnica, naturalidade, confissão religiosa, situação social, preferencias sexuais, deficiências físicas ou mentais - excepto quando essa qualificação for indispensável para a própria informação.

D Seriedade e Credibilidade

A RCV não pretende ter o Dom da infalibilidade mas reclama dos seus jornalistas o menor número possível de erros e imprecisões. A credibilidade da Rádio jogar-se-á tanto na qualidade da sua própria informação como na capacidade de saber corrigir as suas próprias falhas, pronta e adequadamente.

1 - Erros e Correções

Nenhuma notícia deve sair a público sem a devida confirmação e a absoluta confiança na fonte de origem. Mas, em caso de erro, a rádio deverá corrigir a informação, imediatamente, com o destaque e a justificação proporcional à informação original. Qualquer outra imprecisão deverá também ser prontamente corrigida. Só assim se evitarão os desmentidos e as suas consequências nocivas à credibilidade da RCV.

2 - Direito de Resposta, direito de Réplica.

Princípio do contraditório é uma regra de ouro na RCV. Por isso, todas as partes envolvidas devem ser sempre ouvidas, confrontadas e registada a

sua perspectiva. Se houver recusa de declaração ou qualquer outro impedimento, estes factos devem ser incluídos na história que se conta ao ouvinte.

3 - Os Outros e Nós.

Plágio é terminantemente proibido na RCV.

Todas as informações recolhidas noutros órgãos de comunicação social ou fornecidos por agências de notícias devem ser sempre devidamente atribuídas. Ganha-se em credibilidade e vence-se noutra frente: Uma rádio que cultiva o seu estilo muito próprio.

E O jornalista não é um mensageiro

As fontes e o sigilo profissional, a responsabilidade da Rádio e do Jornalista correspondem a critérios e técnicas específicas adoptadas na rádio. Mas são fundamentalmente questões de princípio, ética e deontologia profissional.

1 - O Valor de uma fonte de Informação.

- Fonte, no sentido restrito do termo, é todo aquele que fornece informações por iniciativa própria ou solicitado nesse sentido. Uma fonte não é qualquer pessoa ou qualquer entidade livremente constituída como tal: deve ter competência e seriedade na informação que presta.

- A fonte pode autorizar a sua identificação ou impedir-la. No primeiro caso, há informação aberta "on the record"; no segundo caso, a informação foi prestada confidencialmente "off the record", sob compromisso de não ser divulgada ou atribuída. Neste último caso, há ainda uma outra possibilidade a confirmar com a fonte - não se identificando pode, (ou deve) ser referenciado o grupo ou sector em que se insere esta fonte.

- "On" ou "off", a informação deve ser sempre avaliada e rigorosamente confirmada antes da divulgação pública.

- Nessa avaliação influem três factores: o valor intrínseco da informação, a possibilidade de ela ser comprovada e a idoneidade da fonte. O princípio do contraditório prevalecerá sempre quando houver mais de uma pessoa ou entidade envolvida.

As informações fornecidas com embargo determinado deverão ser sempre reconfirmadas e discutidas previamente com o responsável do sector.

2 - Confiança, responsabilização e veracidade dos factos.

a) Os jornalistas da RCV devem alimentar uma relação assídua com as fontes de informação, na base da responsabilização, confiança e respeito mútuos, mas sem cumplicidades ou identificação com interesses de qualquer ordem, capazes de pôr em causa a objectividade exigida para o tratamento de qualquer matéria.

b) Uma relação de independência aconselha especial precaução com informações exclusivamente recolhidas em "briefings", combinação de notícias e participação em qualquer género de campanha. É de recusar peremptoriamente o pagamento ou benefício de favores, ameaças ou chantagem de qualquer espécie.

c) Uma fonte é frequentemente parte interessada e o jornalista deve sempre recusar o papel de mensageiro de notícias não confirmadas, boatos, "encomendas" ou campanhas de intoxicação pública.

d) As expressões "diz-se que", "consta que", "parece que", referem-se a boatos e não a notícias. Os boatos não se transmitem. Mas a persistência desses rumores podem justificar uma investigação e daí resultar matéria que pode ser transmitida .

3 - A identificação e o sigilo profissional.

a) Regra geral, uma informação deve atribuir-se sempre à fonte de origem, identificada com a maior precisão, designadamente através cargo, função e nome completo. Nunca se deve fazer recurso a alcunhas, salvo quando têm uma relação directa com o assunto em tratamento ou sirva para identificar profissionalmente o sujeito da notícia. O jornalista deve bater-se sempre por esse nível de identificação. A identificação da fonte favorece a autoridade e a credibilidade da informação.

b) Formulações do tipo "o governo está a pensar" não são admissíveis na RCV. "O gabinete do primeiro ministro declarou..." é outra expressão a evitar. Só as pessoas podem fazer declarações.

c) A recusa da identificação de uma fonte sem justificação plausível deverá ser sempre referenciada pelo jornalista.

d) Circunstâncias especiais justificam, por vezes, a omissão das fontes de informação. No entanto, o direito de sigilo deverá ser mantido apenas em último recurso e só quando não há outra forma de obter informação ou a sua confirmação.

e) Quando o jornalista em condições de assumir a informação e noticiá-la na RCV, não tem necessidade alguma de recorrer às habituais, retóricas e desacreditadas formulas do género "fonte digna de critério", "fonte segura", ou "fonte próxima de". Uma rádio bem informada não precisa de justificar permanentemente as suas notícias. Assume-se e responsabiliza-se por elas.

f) Só em casos muito excepcionais e relevantes, a RCV atribuirá uma informação a fonte não identificada. Então a despistagem ou protecção de um informador deve ser cuidada mas não enganosa e implica rigor e seriedade.

Rigor: uma fonte não são fontes, uma informação prestada pelo dirigente X, pela tendência Y, ou pelo MNE, não pode ser atribuída indistintamente a "meios clubísticos", "partidários" ou "diplomáticos". Na RCV não se aceitam fontes fantasmas.

Seriedade: o ouvinte tem o direito de dispor também desses tipo de informação-saber, por exemplo, se a informação X envolver especificamente a corrente (ou os interesses) de Y. Uma declaração ou um documento nunca devem ser atribuídos a fontes anónimas.

g) O exercício do sigilo pode ser admitido por razões de risco pessoal ou por razões de ordem profissional do informador, no caso de mensagens devidamente identificadas que não envolvam matérias de difamação.

Quando for admissível inevitável o sigilo - e só se o jornalista não poder assumir a informação, deve ser perceptível para o ouvinte "de que lado da história" se encontra a fonte: é especialista ou não do assunto, é a favor ou contra o visado...

h) o sigilo deve ser justificado, por forma a não ser pretexto fácil de desresponsabilização do autor ou da fonte de informação. A protecção das fontes determina uma maior responsabilidade do jornalista e pressupõe uma credibilidade acrescida da rádio.

i) Em nenhuma circunstância a RCV e os seus jornalistas, se desobrigam do respeito pelo sigilo profissional e da protecção das fontes, quaisquer que sejam as consequências legais daí resultantes.



CRITÉRIOS, GENÉRICOS E TÉCNICAS

A - Os factos e a opinião

1 - Opinião, interpretação e informação

a) Tal como não existe objectividade em estado puro, não existem fronteiras absolutas entre informação, interpretação e opinião. De qualquer modo, há três níveis essenciais na construção dos materiais jornalísticos: a apresentação dos factos - a informação - o relacionamento desses factos - a interpretação - e o juízo de valor sobre esses factos - a opinião.

- Na notícia predomina a apresentação dos factos, é uma evidência que decorre da própria estrutura da notícia, do seu espaço e do seu tempo. Espaço curto, tempo imediato. No entanto a notícia não se reduz ao telex de agência - que constitui, sempre, um mero ponto de partida para uma informação mais completa. É nessa medida que a notícia não dispensa o enquadramento básico dos factos no contexto em eles ocorrem, ou seja o "background". Esse enquadramento pressupõe a capacidade de interpretar aquilo que é mais relevante e significativo para uma apresentação rigorosa e sugestiva dos factos.

- É na reportagem e no inquérito que a interpretação que os factos encontram a sua expressão mais adequada e desenvolvida. Mas essa interpretação tem, frequentemente, uma fronteira difusa com a opinião, na medida em a subjectividade do olhar do jornalista se projecta sobre os acontecimentos e situações que observa e descreve. Aí intervém a necessidade da distância e a preocupação da imparcialidade. Interpretar não é julgar, mas tentar explicar o "porquê" e o "como" das situações. Enquanto na notícia predominam o "quem" e o "que". A reportagem e o inquérito procuram saber mais sobre o "como" e o "porquê".

b) Uma relação séria e leal com o ouvinte pressupõe o respeito pela diferença de código entre informação e opinião. Deve haver uma preocupação permanente de manter o equilíbrio e a complementaridade entre a informação e a opinião.

2 - Ir mais longe na informação

a) A RCV não sonega nenhuma informação e edita tudo o que revestir interesse jornalístico, isto é, se for baseado num facto verdadeiro, inédito ou actual não colida com preceitos éticos e deontológicos.

b) Na valorização de uma notícia influem alguns critérios suplementares que definem igualmente o interesse jornalístico.

Exemplos:

O seu impacto. Uma notícia é tanto mais importante quanto mais pessoas forem afectadas:

A proximidade, é o caso de questões do quotidiano;

Acidentes...;

A relevância (pessoal, social, artística, política...);

Outros factores ocorrem igualmente para a importância de uma notícia:

A sua caridade;

A notícia menos provável é mais importante que a notícia esperada;

c) Notícias em primeira mão (cachas) e restante informação da RCV reclamam dos seus jornalistas uma rede de informações credíveis. Normas práticas: contactos regulares, boas relações em postos-chave e iniciativa junto de entidades que possam constituir-se como fonte de informação e/ou ponto de partida para uma investigação jornalística, com excepção das fontes estritamente pessoais, todos os contactos devem ser

disponibilizados junto do editor e do secretário de redacção. Sempre que possível o recurso ao contacto telefónico não deve substituir o contacto pessoal e exclusivo junto de uma fonte de informação.

d) O jornalista deve estar sempre disponível para captar e interpretar os aspectos novos e inesperados das situações, os sinais de mudança, as perspectivas que se abrem no panorama nacional e internacional.

e) Apresentar uma notícia de uma forma completa, exacta e interessante pressupõe clareza, simplicidade e precisão.

f) “Background” e incorporação própria da Redacção. O enquadramento noticioso e a interpretação dos factos apresentados em cada peça deverá incluir, sempre que possível, os respectivos antecedentes - o ouvinte não é obrigado a saber o que o jornalista tem como adquirido; a audiência é constituída por vários grupos com interesse e níveis de conhecimento diferentes.

g) Se for caso de especialista ou comentador a pronunciar-se sobre uma matéria sem dar o “background” necessário para o entendimento por parte do ouvinte, o jornalista deverá complementar o comentário.

h) As informações colhidas nos telexes das agências ou outros órgãos de comunicação social, não deverão ser meramente transcritas pela RCV. A Redacção deverá o tratamento informativo e formal mais adequado e sempre que possível, com desenvolvimento obtidos pela RCV.

i) As informações devem tentar interessar e aproximar o ouvinte da notícia, dar-lhe rostos, atmosferas, climas e sentimentos - é a protagonização

da notícia. Sempre que possível e essencialmente na reportagem, a RCV deve ser humanizada, ter nomes e conter pormenores suficientemente identificadores que retratem personagens vivas e com interesse para os ouvintes.

A frieza de uma estatística, a descrição de um empreendimento ou a votação de um debate justificam sempre um enfoque especial sobre os respectivos protagonistas.

j) Uma informação “distante”, sempre que possível, deverá transformar-se em informação “próxima”. Um facto ou um acontecimento encerram sempre uma história oculta para contar, muitas vezes ao alcance de uma rápida investigação jornalística. É fundamental para captar ainda mais o interesse do ouvinte.

k) Interesse, emoção e vivacidade: o distanciamento indispensável do jornalista perante os factos e as histórias não significa apatia ou desinteresse, nem ausência de sentimentos.

As notícias da RCV devem registar o clima, a cor e a acção das situações, captando os pormenores e as “nuances” das declarações pessoais, mais sem que se tornem eles próprios emotivos. Depende do talento do jornalista saber transformar um facto rotineiro numa narrativa que surpreende e seduz o ouvinte.

3 - Reportagem: acção dos factos e das pessoas.

a) Género específico até pela sua liberdade narrativa e de estilo, a reportagem assenta no terreno preferencial dos factos e da sua observação directa no local onde se registaram.

b) Numa reportagem, todas as versões contraditórias devem ser oferecidas ao ouvinte através de uma multiplicidade de dados, entrevistas e fontes de documento.

c) Observar, retratar pessoas e ambientes, analisar e interpretar personagens e situações aconselham a uma liberdade narrativa maior do que na notícia pura. Mas deverá ser sempre uma liberdade condicionada pela necessidade e obrigação de informar. Ao ouvinte cabe retirar as suas conclusões.

4 - A Entrevista

A entrevista é um género privilegiado por excelência na RCV e pode ser incluída em praticamente todos os géneros jornalísticos. Em directo ou em deferido, o modo de conduzir uma entrevista marca, na RCV, a diferença, relativamente à generalidade das rádios.

a) Uma entrevista é sempre um contrato entre o colectivo ou o jornalista e o interlocutor; as “regras do jogo” estão implicitamente definidas à partida; se foi estabelecido que a entrevista gravada pode ser aproveitada por excertos, o interlocutor não pode exigir a passagem na íntegra.

b) Em caso algum, o jornalista da RCV diz antecipadamente ao entrevistado que perguntas lhe vai colocar.

c) Uma entrevista da RCV não é NUNCA um confronto de opiniões entre o jornalista e o entrevistado.

d) Uma entrevista RCV é, por regra, suficientemente agressiva mas não usa a agressividade gratuita.

A entrevista RCV pode definir-se do seguinte modo:

- Uma pergunta de cada vez;
- No caso de um necessário preâmbulo (que não seja palavroso nem empastelado) acaba

sempre com uma pergunta rapidíssima, estilo “tiro de pistola”;

– Uma pergunta não respondida é objecto de insistência imediata do jornalista;

– As perguntas são curtas e foram, na medida do possível, preparadas;

– Uma resposta pode sugerir uma pergunta não programada; As perguntas são o mais fechadas e directas possível (a pergunta genérica convida o interlocutor a alongar-se);

– jornalista rejeita as bengalas do tipo “gostava de lhe perguntar” (ele está ali exactamente para isso) ou “na sua opinião...” (o entrevistado está ali precisamente para dar as suas opiniões);

– jornalista não usa a formula “por ultimo” ou “uma última pergunta”;

– jornalista joga na máxima espontaneidade do entrevistado;

– jornalista aproveita todas as oportunidades do silêncio do entrevistado; há silêncios que valem mais do que muitas palavras;

– Quem conduz a entrevista é o jornalista, não o interlocutor;

– Em situação de reportagem, o jornalista NUNCA permite que o interlocutor agarre o microfone.

B - O rigor do texto

Clareza, simplicidade, exactidão e variedade caracterizam o estilo RCV. O cumprimento das regras gramaticais, o rigor e a competência indispensáveis na informação que se dá ao ouvinte, aconselham por outro lado, uma per-

manente atenção a certos vícios e incorrecções de linguagem.

Uma ideia, uma informação, uma frase.

a) Informar é comunicar e fazer compreender, isto é, redigir de forma simples, concisa, clara e precisa, qualquer que seja a complexidade do assunto ou género da mensagem jornalística.

b) A adjectivação excessiva ou inadequada enfraquece a qualidade o impacte informativo. Substantivos fortes e verbais na voz activa reforçam a densidade indispensável na escrita jornalística.

c) Repetições e preciosismo obscurecem a comunicação, reduzem-lhe a eficiência e leva o ouvinte a desinteressar-se da informação que está a ser veiculada.

d) Deve-se preferir, sempre a frase afirmativa e o estilo directo, e recusar a imprecisão e a ambiguidade.

e) A clareza da mensagem obriga a seleccionar, hierarquizar e sacrificar o acessório a favor do essencial. O tratamento de qualquer informação passa sempre pela escolha de um ângulo específico de abordagem - a novidade, o mais importante, característico ou original - que mais cativa o interesse do ouvinte. Se um assunto comporta várias mensagens, é preferível tratá-las separadamente ao longo do texto.

f) Nunca se pode dizer tudo. Na escolha do ângulo de abordagem prevalecerá a precisão da informação, números, casos concretos, ideias claras, imagens e exemplos em vez de generalizações vagas e abstractas. A identificação rigorosa dos protagonistas é uma preocupação central. Bem empregues, as imagens e as metáforas po-

dem dar cor e sonoridade à notícia; mal utilizadas criam uma penosa sensação de mau gosto.

g) Evitar o uso abusivo de siglas.

Os Maneirismos

As frases feitas, os lugares-comuns e os chavões artificializam a postura do jornalista e empobrecem a história. Quanto mais banal é a situação menos se deve banalizar a linguagem.

Um dos inúmeros exemplos: em vez de "foram tomadas resoluções com o objectivo de ser posto fim à greve" adoptar uma postura simples e directa com "resolveram acabar com a greve".

"Som" das palavras

O jornalista deve OUVIR o seu papel com os olhos e vê-lo com os ouvidos;

Evitar as cacofonia, as rimas e os ecos;

Evitar a junção inadequada de duas palavras (que em rádio, fazem uma palavras só).

O uso da convenção do calendário (ou do tempo)

Procurar aplicar o "modo de funcionar" comum à maioria das pessoas:

"Noventa e sete" é no ano que vem, ou no próximo ano;

Se hoje é Quinta-Feira, Sexta-Feira é amanhã e Sábado é depois de amanhã e ainda, Quarta-Feira é ontem e Terça-Feira é anteontem; Se são agora três da tarde, não são "quinze horas".

As citações ("discurso directo")

Uma história não abre com uma citação e muito menos com um discurso directo. São dois perigos: De ordem deontológica (quem afirma "aquilo", antes de se chegar ao enquadramento do sujeito?);

Logo de ordem técnica (provoca um enorme "ruído" no destinatário). Só se admite a citação ou

o discurso directo a abrir no caso de ser muito curta, isto é, de não dar tempo a que se levante duvida ou a estranheza (o “ruído”).

As ofensas à cronologia narrativa

Eliminar a formula “A, B, e C ... respectivamente, isto, aquilo e aqueloutro”; não é garantido que o destinatário possa resolver o problema.

Na RCV, não se ouve o adverbio de modo RESPECTIVAMENTE.

Eliminar a formula “o tema X e o problema Y são os pontos a distinguir na agenda de trabalhos”. Chama-se narrativa ao contrário e NINGUEM FALA ASSIM.

Os nomes estrangeiros

Não há regras para a pronúncia; qualquer pronúncia, está, em princípio, correcta. Mas o colectivo obriga-se a estabelecer a pronuncia “RCV” de modo a evitar na antena, uma imagem da desorganização e de falta de unidade. Para isso serve um placard onde se escrevem os nomes estrangeiros, que estão sempre a aparecer e que rapidamente se transformam em elementos constantes na informação, de forma fonética.

Os números

Salvo os casos de pequenas quantidades, os números são sempre arredondados. No caso de grandes quantidades (ex. muitos milhões de dólares, ou milhões de contos, ou centenas de hectares), os números têm de ser TRATADOS:

Procura-se uma ordem de grandeza ou num termo de comparação.

Pode não ser possível encontrá-los. Nesta hipótese, o jornalista procura uma “ideia mínima de grandeza” que lhe permita qualificar a quantidade como “parece bastante dinheiro...”, mas deverá ter cuidado porque o liquido a meio de uma garrafa faz dela tanto uma garrafa meia como meio fazia. Em caso extremo, o numero astronómico

não fica a fazer nada na história, é informação excessiva e portanto vazia de sentido; basta que um numero astronómico não sugira no destinatário a mais pequena ordem de grandeza.

Os números devem ser objecto de contas; um jornalista deve contar a história com as “contas feitas” de modo a provocar no destinatário uma sensação de conforto e facilidade de descodificação. Ex: O atleta que se classificou em segundo lugar não fez o tempo “X” mas ficou a “Y” segundos do vencedor.

Precisão e propriedade vocabular

a) Um vocabulário acessível ao ouvinte não significa um léxico pobre e limitado. A variedade de uma linguagem rigorosa aconselha as palavras simples e eficazes, evitando-se a banalização de estrangeirismos, dos neologismos e dos termos especializados. No entanto, um termo técnico, bem explicado, poderá poupar o recurso a uma referencia longa, imprecisa e vaga.

b) A precisão dos vocábulos terá de ser uma preocupação constante. O ouvinte compreenderá melhor o que está acontecer sempre que se empregar palavras adequadas e com a carga semântica, que fixem o ouvinte e alimentem o seu interesse. Um termo desconhecido ou deslocado é obstáculo à comunicação e se os obstáculos sucederem, em menos um ouvinte.

c) Evitar palavras como “tal coisa, isto, esse, aquele...” as expressões “muleta” como se sabe, de registar que, recorde-se que, saliente-se que, em ultima analise...” - constituem estereótipos a rejeitar sobretudo no inicio de uma frase. Também a rejeitar, expressões como: “porém, contudo, portanto, entretanto...”.

d) A repetição excessiva de palavras indica pobreza lexical, mas o recurso a uma variante

vocabular pode cair no preciosismo e no rebuscamento desnecessários. É também cansativo para o ouvinte, o jornalista utilizar repetidamente a mesma construção ou estrutura de frase. Alguns exemplos de erros normalmente cometidos:

ATENÇÃO: ESTES EXEMPLOS REFEREM-SE À PRONÚNCIA, NÃO À ORTOGRAFIA

ERRADO

Avalancha
acórdos
ácerca
áctriz
alaméda
ármada
alcoolémia
abóbada
atão
béco
biciclete
batéria
controle
cadáveres
circuíto
Ciclo vicioso
Conselho de Ministros reuniu
Conjuge
Discriminar
Definir
Dignatário
Diminuir
Deficit
deve-se manter
Deteoração
Ecunumia
Alixir
Emiratos
Expresso
tou, tamos, tás
fazem muitos anos
Flórida
Fénix
Gibraltar

CERTO

avalanche
acórdos; adórnos, esbôços
Acerca
Âctiz
Alaméda
Armada
Alcoolemia
Abóbada
Então
Bêco
Biciclêta
Bactéria
Controlo
Cadáveres
Círculo
Círculo vicioso
Conselho de Menistros. Reuniu-se
Conjuge
Descriminar
Defenir
dignitário
deminuir
defice
deve manter-se
deterioração
ecónomia
elicsir
emirados
eispresso
estou, estamos, estás
faz muitos anos
Florída
Fénis
Gibraltár

ERRADO

Gratuito
Entreviu
Iugoslávia
Seraievo
júniores, séniores
Militar
Ministro
Mediocre
Ministros do trabalho e saúde
Milícia
Negóciu
Numaros
Nóbél
o sida
o síndrome
o personagem
Organigrama
Ubservar
Periodo
pode-se falar
poderão haver
Policromo
preços aumentaram em 50%
preferir mais do que
Privilégio
Pelo
Pela
Perzuação
Páisagem
Perferir
Proíbido
recusa em
Reestruturacão
Rentável
Rentabilidade
rúbrica no sentido de "tema"
Runião
Revézes
Saíem
Supúnhamos
Subretudo

CERTO

Gratuito
Entrevio
Jugoslávia
Serajevo
Junióres, senióres
Melitar
Menistro
Medíocre
Menistros do trabalho e da saúde
Melícia
Negócio
Números
Nobel
a sida
a síndrome
a personagem
Organograma
Observar
Período
pode falar-se
poderá haver
Policrómo
preços aumentaram 50%
preferir a
Previlégio
P'lo
P'la
Persuasão
Paisagem
Preferir
Proíbido
recusa de
Reestruturacão
Rendível
Rendibilidade
Rubrica
Reunião
Revezes
Saem
Supunhâmos
Sobretudo

ERRADO

Tentativa em
 Travésti
 Tóchico
 última da hora
 Vultuoso

CERTO

Tentativa de
 Travesti
 Tócsico
 última hora
 Vultoso

A verbos como avisar, convencer, esquecer, falar, fugir, informar, lembrar, prevenir, sucede a preposição “de”. Os que se seguem, também como exemplo: obviar, obstar, preferir, recusar e referir, regem a preposição “a”.

Consistir rege a preposição “em”. Dizer é normalmente substituído por afirmar, aludir, afiançar, assinalar, comunicar, confiar, confidenciar, considerar, declarar, desabafar, elucidar, enfatizar, informar, manifestar, notar, observar, pormenorizar e sublinhar. Têm, no entanto, sentidos diferentes que é preciso respeitar. O mesmo se passa com os verbos existir, haver, ser, ter e possuir.

Um outro tipo de erro frequente ocorre com palavras homófonas com sentido diferente.

Exemplos:

a fim

Demais

Desmarcação

Descriminar

Descrição

Extrato

Mandado

Percursos

Eminente

se não

Porque

afim

de mais

demarcação

discriminar

discrção

estrato

mandato

Precursos

iminente

senão

Por que

Situação também frequente é a repetição de fonemas que, ao ouvido, soam desagradavelmente, introduzindo por isso, ruídos na comunicação. Exemplos: Irão, Teerão, começarão, construção, aumento, vencimento.

e) Sempre que surjam termos traduzidos ou a traduzir, é indispensável confirmar a correcção do termo ou expressão a empregar, recorrendo a dicionários ou vocabulários específicos, ou ainda a especialistas na matéria. Este cuidado é particularmente importante em domínios onde está ainda fixada uma terminologia portuguesa e quando se tratar de títulos de obras literárias, cinematográficas, científicas etc.

Alguns exemplos que já estão em uso corrente e que devemos evitar:

Agente da ordem;	Mandato de captura (mandado de captura);
Altas personalidades;	De registar que;
Amplexo (em vez de abraço);	De comum acordo;
Antes prefiro (prefiro);	De forma rectangular;
Aquando (por ocasião de);	Dentro de casa;
Assaz;	Deixa muito a desejar;
Atempadamente;	Devorado pelas chamas;
Aonde pára (onde pára);	Disputa;
Astro-rei;	Doce como o mel;
Afazeres (ocupações);	Em curso (pendente, corrente);
Acalorada discussão;	Entrara dentro (apenas entrar);
Agradável surpresa;	Em frente à casa (em frente da casa);
Amálgama de ferros retorcidos;	É suposto que (julga-se que);
Bastante emocionado;	Em última análise;
Belo sexo;	Efeito demolidor;
Brilhar (ou primar) pela ausência;	Envolto em mistério;
Consenso geral;	Escuro como breu;
Caberão;	Escusado é dizer;
Cair no chão (apenas cair);	Evento e efeméride;
Confirmei de que (confirmei que);	Fazer entrega (entregar);
Centenas de milhar (centenas de milhares);	Face à nova questão (em face de);
Como se sabe, constatar (verificar);	Foi encarregue de (encarregado de);
Chovem pedras (chove pedras...o verbo chover só se conjuga na terceira pessoa do singular);	Fundamentalmente;
Cadáver do morto;	Fez uma breve alocução (discurso);
Carreira brilhante;	Factos verdadeiros;
Causídico;	Facultativo;
Cenas dantescas;	Fez-se luz;
Claro como o cristal;	Foi palco de;
Coroada de êxito;	Feericamente iluminado;
Como peixe na água;	Garante (penhor, garantia);
Confirmado o que já havíamos noticiado;	Graças à compreensão;
Conhecia como as palmas das mãos;	Houve feridos (houve feridos - não havendo sujeito, o verbo haver no sentido de existir, só se conjuga na 3ª pessoa do singular);
Chefe do executivo;	História passada;
De há muito (desde há muito);	Infausto;
De imediato (logo, imediatamente);	Implementar (adoptar, realizar, desenvolver);
Detalhes (pormenores);	Inovação recente;
Desestabilizar (instabilizar);	Ilustre visitante;
Doença incurável (doença prolongada);	Incansáveis esforços;
Desde Moscovo (de Moscovo);	

Indivíduo;
Infelizmente aconteceu o pior;
Informou à nossa reportagem;
Integral apoio;
Ironia do destino;
Jogo sujo;
Justa homenagem;
Levar a efeito (realizar);
Lado mau da vida;
Lamentável acidente;
Lobo do Mar;
Localidade;
Mar de gente;
Mãe natureza;
Magnos problemas;
Mais notícias;
Medidas drásticas;
Menina dos olhos;
Mulher de vida fácil;
À flor da pele;
Missiva;
Muita tinta correu;
Na medida em que;
No entanto;
Não obstante;
Nos meses de inverno (no inverno);
Não necessita apresentação;
Não se pode expressar com palavras;
Nos braços de Morfeu;
Na oportunidade;
Não houve vítimas a lamentar;
No seio do governo;
O livro de que eu gosto (o livro que eu gosto);
Onde vais (aonde vais);
Ocasião festiva;
Precioso líquido;
Por parte de (p'lo, p'la);
Prima pela ausência;
Principal protagonista (principal personagem);
Planos futuros (planos);
Primeiro de todos (primeiro);
Perda irreparável;

Pesado como o chumbo;
Pobreza franciscana;
Pomo da discórdia;
Por força das circunstâncias;
Preenchendo uma lacuna;
Princípio do fim;
Profunda preocupação;
Prova de fogo;
Pompa e circunstância;
Quasi;
Quiçá;
Quero fazer-lhe uma pergunta;
Uma última pergunta (a pergunta, pura e simples, evita tudo isto);
Rigorous inquirito;
Recorde-se que;
Registe-se que;
Repita outra vez (repita);
Razões de peso;
Realizou-se ontem (evitável, na abertura de um lead);
Reunião bastante concorrida;
Ruído ensurdecedor;
Rasgados elogios;
Situa-se (situação);
Sair para fora (sair);
Subir para cima (subir);
São precisas fazer mais (é preciso fazer mais);
Só dizer-se;
Salienta-se que;
Salta à vista;
Sequência lógica;
Sexo fraco/forte;
Situações sem precedentes;
Sobejamente conhecido;
Sono dos justos;
Sono eterno;
Submetido a delicada intervenção;
Soldados da paz;
Ter lugar (realizar-se);
Tenra idade;
Tudo isto passou-se (tudo isto se passou);

Todos sem excepção (todos);
Toque final;
Tecer considerações;
Titular da pasta;
Travar conhecimento;
Última morada;
Uso da palavra;
Vem-se ocupando (tem-se ocupado);
Viu a luz do dia.

Correcção e elegância narrativa

O bom gosto e um estilo apurado são incompatíveis com erros gramaticais ou com o recurso a estrangeirismos, expressões desadequadas ou de todo erradas. Em caso de dúvida, deve-se consultar um glossário, um prontuário ou bons dicionários que devem existir em todas as redacções, constituindo uma ferramenta indispensável para qualquer redactor.

Praia, Junho de 2005

O Director da Rádio de Cabo Verde



Fontes: Livro Estilo da RDP-África Estilo da TSF

Com o apoio:

CRIPURA
publicidade_cabo verde



Com o apoio:

CRIAPURA
publicidade_cabo verde